



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Mansueto de Castro Serafini Filho FG182

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.019.SIN e TRA

Entrevistado/a: Mansueto de Castro Serafini Filho

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 22 de novembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida: formação escolar, participação em uniões estudantis, filiação ao PTB e admiração por Alberto Pasqualini.

PTB (Caxias do Sul): fundação, primeira eleição vencida, prefeitos eleitos, extinção, sede.

PTB (Brasil): crescimento, políticos filiados.

PRP (Caxias do Sul): criação, simpatia por Plínio Salgado, importância.

MDB e Arena: criação, as eleições de 1968 para prefeito (candidatos).

O prefeito Luciano Corsetti: candidatura pelo PTB, administração.

A carreira política de Mansueto: a atuação como vereador (posse em 1964), os mandatos de prefeito e vice-prefeito, a defesa da Legalidade.

Golpe de 1964: AI-2, fim do teatro da Aliança Francesa, medo, prisões, capitão Ilman, o Golpe militar, AI-5.

O Movimento pela Legalidade em Caxias do Sul: sede, representantes, a abrangência do Movimento no Rio Grande do Sul.

Golpe de 64 em Caxias do Sul: passeatas, boatos.

O presidente João Goulart: administração, dívida externa, golpe militar.

O presidente Getúlio Vargas: medidas governamentais, comício em Caxias do Sul. Reação à morte de Getúlio Vargas em Caxias do Sul.

O presidente Juscelino Kubitschek: administração, desenvolvimento do país.

O Integralismo em Caxias do Sul.

Obras da gestão Celeste Gobbato: sistema de abastecimento de água.

Dante Marcucci: obras, política.

O comício de Jânio Quadros em Caxias do Sul.

Jornal "O Estudante": fundação, primeira edição, homenagem à Getúlio Vargas, circulação, caráter, troca de nome para "Jornal da Mocidade".

Educação: campanha pela criação de uma universidade em Caxias do Sul, princípio da Universidade de Caxias do Sul (faculdades de Economia, Direito, Filosofia e Belas Artes).

Ditadura militar: repressão e censura.

Jornal "Caxias Magazine": orientação.

O coronel Décio Barbosa Machado: postura, episódio do coquetel oferecido à Imprensa Caxiense.

Convite ao presidente Ernesto Geisel para a Festa da Uva de 1978.

Visita de João Figueiredo à Festa da Uva de 1981.

Governo Figueiredo: repasse de verbas.

Considerações sobre o crescimento de Caxias do Sul.

Luta pelo desenvolvimento cultural de Caxias do Sul: criação da Casa de Cultura.

Considerações sobre a inveja na política.

Transcrição:

Sônia: Seu nome, a data do seu nascimento?

Mansueto: Mansueto de Castro Serafini Filho, sete de janeiro de 1939.

Sônia: A sua profissão?

Mansueto: Bom, eu exerci o jornalismo, durante muito tempo, fui, sou formado em Direito. Durante muito pouco tempo advoguei, porque a política torna... a advocacia é, não se pode advogar se torna impedimento pela Ordem dos Advogados do Brasil. Então, eu ocupei durante longo tempo cargos públicos que me afastaram do Direito. Eu exerci antes da política e durante a política o jornalismo.

Sônia: A sua infância Mansueto, o que o senhor lembra das brincadeiras, dos seus pais?

Mansueto: Eu nasci, o meu pai morava em Bento Gonçalves onde era engenheiro do DAER, Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem do Rio Grande do Sul e, no fim de semana, ele vinha com a minha mãe passar o fim de semana em Caxias. Ele, a residência era em Bento Gonçalves e, num destes fim de semana em Caxias, eu nasci, na Rua Sinimbu 1401, até destruíram a casa, lamentavelmente, está lá um edifício no lugar da casa que eu nasci. A minha infância foi ali

com os amigos da redondeza, a gente inclusive jogava futebol na calçada, e o movimento da cidade era tão pequeno naquela época, o movimento de automóveis que, quando que quando passava um automóvel, parava o jogo de futebol na calçada. E foi essa, infância foi nesse sentido. Depois então, estudei na então Escola Normal Duque de Caxias, [hoje Instituto Estadual de Educação Cristovão de Mendoza] que tinha o curso primário, que tinha o ginásio. Hoje é primário e segundo grau, naquela época era ginásio. Fiz lá o primário, fiz lá também o ginásio e o clássico, onde interrompi o clássico na metade depois fiz o curso, o segundo grau, o clássico, o científico através do Artigo 91, que existia na época, era uma espécie de supletivo de segundo grau. Depois ingressei na Faculdade de Direito. Mas antes quero dizer que fui alfabetizado por uma professora particular, a dona Ieda Juchem, que conseguiu me alfabetizar, porque eu fui pro colégio e não quis estudar no início, era um menino meio revoltado e não queria estudar, então contrataram essa professora que me alfabetizou a dona Ieda [Aide] Juchem.

Sônia: Mansueto, e nesse período de estudante tinha algum movimento estudantil organizado?

Mansueto: Tinha sim.

Sônia: Que o senhor participava.

Mansueto: Evidentemente nós tínhamos a União Caxiense de Estudantes Secundários eu era membro do conselho, participei de alguns congressos, eu me lembro de um em Pelotas em 1955, era um menino de dezesseis anos e participamos daquele congresso que me marcou profundamente porque foi uma briga tremenda entre a esquerda e a direita, e a gente nem sabia o que era isso direito. Já na política universitária, eu fui eleito vereador, eu estava no segundo ano da faculdade de Direito, e não quis misturar a política universitária com a política partidária. Então, não participei, eu ia nas reuniões, participava das reuniões, mas nunca ocupei qualquer cargo no diretório acadêmico, porque me elegi vereador e tão logo ingressei na faculdade.

Sônia: E qual o partido que o senhor escolheu?

Mansueto: Pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

Sônia: Porque essa escolha?

Mansueto: Foi uma escolha, porque eu sempre fui um admirador do Alberto Pasqualini, eu li todos aqueles discursos do Pasqualini, a obra dele são todos discursos que ele fazia, e era uma figura extraordinária. O Alberto Pasqualini foi o introdutor, no Brasil, da social democracia, hoje está em moda a social democracia no mundo. Pois o Alberto Pasqualini na, em [19]46, [19]45 escrevia sobre a social democracia no Brasil, só que aqui tinha outro nome, era trabalhismo ou capitalismo solidarista como se chamava. Então, ele foi um homem extraordinário! E veja você que ele

concorreu duas vezes ao governo do Rio Grande do Sul e perdeu as duas vezes porque o chamavam de comunista. Alguns setores do clero, inclusive, condenaram Alberto Pasqualini, o chamavam de comunista. Como eles estavam completamente errados! Hoje o Pasqualini, se voltasse, talvez fosse considerado até reacionário por alguns setores que o chamavam de comunistas, porque ele queria uma social democracia com a participação do trabalhador no lucro das empresas, isso ele defendia também já naquela época.

Sônia: E aqui em Caxias, como é que nasceu o PTB? Como é que ele era visto pela comunidade?

Mansueto: O PTB, bom eu só sei por ouvir dizer, eu era menino, não, acompanhava de fora. O PTB surgiu através do Guerino Zugno, do Darwin Corsetti, do Pedro Olavo Hoffmann, que poderão dar um depoimento melhor porque fundaram o Partido Trabalhista, que era pequenininho, tanto é que a primeira eleição que o Partido Trabalhista venceu foi um verdadeiro acidente político, foi, eu era menino, mas acompanhava já a política, sempre fui curioso nisto. Era candidato a prefeito o Guido Mondin, que ainda é vivo, foi senador da república depois, foi candidato a prefeito pelo PRP, Partido de Representação Popular, que era o maior partido de Caxias naquela época. O Dario Granja Santana, engenheiro Dario Granja Sant'Anna, há uma escola, hoje com o nome dele, era muito amigo do meu pai, eu lembro dele, era candidato do Partido Social Democrático, o PSD. Tínhamos o Américo Ribeiro Mendes, o velho Picucho Mendes, era candidato pela coligação UDN-PL, União Democrática Nacional e Partido Libertador. E o PTB não conseguia um candidato estava recém-formado, esteve aqui o Pasqualini organizando o PTB e não conseguia um candidato, até que alguém lembrou do Luciano Corsetti. Foram no escritório dele, custaram a convencê-lo a ser candidato, ele foi candidato. A disputa das prévias de então, ou nas pesquisas, que não existia na forma científica como são feitas hoje, davam a vitória ou ao Dario Granja Sant'Anna ou a Guido Mondin. Veio a eleição e, para surpresa geral, ganhou o Luciano Corsetti. Ganhou a eleição, foi um bom prefeito, foi o autor inclusive do primeiro plano diretor de Caxias, equipou a nossa prefeitura com maquinaria moderna, com as moto niveladoras, com as patrôas que não existiam, aquilo era tudo feito a mão, foi ele que fez isso.

Sônia: E no caso o PTB teve essa aceitação... porque o PTB foi forte em Caxias?

Mansueto: Sim.

Sônia: Devido a atuação então do Luciano Corsetti?

Mansueto: Sim, o Luciano iniciou. Depois, o Partido cresceu a nível nacional, porque ele tinha duas figuras extraordinárias, uma delas era Getúlio Vargas e a outra figura extraordinária era o Alberto Pasqualini, tinha lideranças como o [Leonel de Moura] Brizola, que era moço na época e

tantos outros. O partido foi crescendo, tanto é que na primeira vez, o PTB elegeu dois vereadores só: Guerino Zugno e o Rubem Bento Alves, e elegeu o prefeito. Quer dizer, foi uma vitória mais pessoal do Luciano Corsetti naquela ocasião. Mas depois o PTB cresceu, tanto é que na eleição seguinte se uniram todos os partidos contra o PTB. O PRP, que era o maior partido até então, o PSD e se uniram todos apoiando Euclides Triches, e o PTB lançou o advogado João José Conte, e perdeu por meia dúzia de votos, ganhou o Triches. Depois o PTB elegeu, mais adiante elegeu o Rubem Bento Alves, prefeito, elegeu o Armando Biazus, enfim, um Partido que era forte mesmo em Caxias, o PTB, que durou até a sua extinção. Eu me lembro que eu participei desta extinção porque era vereador do PTB, em 1963 eu concorri a vereador pelo PTB, o candidato a prefeito era o Julinho Costamilan, e todos os partidos se uniram de novo contra o PTB e ganhou o Hermes Weber para prefeito. Nós perdemos e assim mesmo elegemos a maior bancada na Câmara Municipal. Os vereadores eram eu, o Nadir Rossetti, o Pedro Olavo Hoffmann e o Dionísio Santi.

Sônia: E enquanto vereador, como foi sua participação, que fatos o senhor lembra?

Mansueto: Ah, bom, eu enfrentei no início, veja você, logo no início, nós tomamos posse no dia primeiro de janeiro de 1964. A Câmara funcionava de março a dezembro, logo após tomarmos houve recesso aquele normal, a Câmara não era, não se ganhava nada se ganhava, se ganhava um real na época, mil cruzeiros, um real por sessão, era simbólico. Se fosse a todas as reuniões da Câmara, não ganhava, ganhava um salário mínimo por mês. Mas não é esse o problema. Então, a Câmara em janeiro e fevereiro não funcionava. Então, nós tomamos posse no dia primeiro de janeiro, depois houve recesso e voltamos lá na dia primeiro de março, onde a Câmara começou a funcionar e logo depois houve o movimento de trinta e um de março ou primeiro de abril de [19]64, onde nós tínhamos um mês de atuação na Câmara, quando veio a famosa revolução de [19]64 e tumultuou toda a vida pública do país. Continuaram os partidos até pouco depois quando, através do AI-5 ou AI-2 [Ato Institucional], não me lembro, foi o AI-2 foram extintos os partidos. Extinguiram todos os partidos políticos até então existentes no Brasil e criaram-se dois partidos a ARENA [Aliança Renovadora Nacional] e o MDB [Movimento Democrático Brasileiro]. Nós todos da oposição nos unimos todos em torno no MDB. Foi isso que ocorreu em [19]64, tivemos episódios interessantes na cidade, que há pouco eu vi aqui o Dr. Renan [Falcão de Azevedo], abordando, que foi realmente um momento dramático na cidade, se encerrou diversos projetos importantes como da Aliança Francesa, que morreu em função de [19]64, o seu grupo de teatro. E cometeu-se algumas injustiças, se bem que em Caxias não houve nenhum fato assim que se sabia de tortura, etc. aqui não houve.

Sônia: Mas assim, em termos de autocensura, existia autocensura por parte dos vereadores ou de pessoas amigas?

Mansueto: Olha, foram fatos interessantes que ocorreram naquela ocasião. Evidentemente havia o medo de alguns, mas nós achávamos, eu achei pessoalmente, eu era líder do PTB, eu achei que seria caçado, porque estavam caçando tanta gente. E nós fizemos no dia primeiro de abril, logo depois da revolução, eu fiz um discurso pesado na Câmara e aí aconteceu um fato realmente que eu nunca mais haverei de esquecer. Eu morava na Rua Sinimbu, onde nasci, 1401, na parte de baixo e na parte de cima morava o Darwin Corsetti. Eu vim da sessão da Câmara, onde eu tinha feito um discurso pesado contra a revolução, contra o golpe, que eu chamava, de estado. Quando cheguei em casa, tinham três caminhonetes do exército estacionadas defronte a minha casa, onde funcionava também o meu escritório. Eu cheguei cumprimentei-os esperando que fosse preso e eles nem me deram bola, eles vieram para prender o Darwin Corsetti, que morava em cima. Fui chamado ao quartel algumas vezes, prestando depoimento, mas ficou nisso. E num desses depoimento, eu achei interessante, porque no dia 1º de abril, nós nos reunimos na sede do PTB, que ficava ali defronte ao calçadão, no andar de cima, onde hoje está, o Supermercado Cesa, na parte de cima ficava a sede do Partido Trabalhista Brasileiro. E nós ficamos ali, erguemos a bandeira nacional e tal naquele movimento em defesa da legalidade, da constituição, em função deste trabalho, nós fomos chamado ao quartel e eu passei um telegrama, a bancada do partido passou um telegrama ao Brizola, que estava liderando a Cadeia da Legalidade em Porto Alegre, eu achei muito fraca, muito fraco o telegrama, era um pouco assim, muito fraquinho, não era vamos usar o termo aqui, não era assim mais violento. E eu passei individual um mais violento “Aqui estou em defesa da lei, da ordem e da constituição”. Aí eu fui chamado ao quartel algum tempo depois e o capitão, que era o capitão Ilman, se eu não estou equivocado, que depois se tornou meu amigo, inclusive. O capitão Ilman chegou e me leu o telegrama, claro eles tinham apanhado no correio esse telegrama “Esse telegrama, o senhor não achou subversivo”? Eu digo “O senhor é revolucionário desde o primeiro momento? eu perguntei pra ele. Ele respondeu “O interrogado é o senhor” “Não, mas eu só estou fazendo uma pergunta, fora do”... Diz ele “Desde o primeiro momento” “No momento que eu passei esse telegrama, o subversivo era o senhor, porque eu estava em defesa da lei, da ordem e da constituição. Quem era o presidente legítimo do Brasil, era o João Goulart. Depois o senhor ganhou a revolução e passou a ser a lei e eu não passei mais telegrama nenhum”. Aí rimos tal, e ficou por isso mesmo.

Sônia: Da Legalidade, que o senhor lembra?

Mansueto: A Legalidade, eu fui um dos locutores da legalidade, eu e a Carmem Tomazzi, fomos designados locutores da Legalidade. Onde é a Casa da Cultura hoje, tinha o velho prédio da Biblioteca Pública, antiga, depois foi feito um barracão, mas tinha ainda um prédio velho ali, onde foi a sede da Legalidade, que era comandada em Caxias pelo capitão Artemim Karam, era comandante, o [Pedro] Simon também fazia parte do movimento civil. E eu e a Carmem Tomazzi no serviço de alto-falantes fazíamos a divulgação da Legalidade. A Legalidade foi um movimento que uniu no Rio Grande. Foi uma coisa bonita, o Rio Grande todo se uniu para a defesa do mandato do presidente João Goulart. Foi um movimento extraordinário, o Rio Grande do Sul, independentemente de partidos políticos, se uniu em defesa da lei e da constituição.

Sônia: E quando houve o golpe, assim com o passar do tempo, houve alguma manifestação em Caxias, pública, em apoio a revolução?

Mansueto: Sim! Houve uma procissão, que saiu aqui dos Capuchinhos e foi até o centro, ou foi ao contrário, eu não me lembro. Em defesa da família, da propriedade e da paz, não me lembro o que foi feito, inclusive nós, nós da oposição não apoiamos isto, porque nós fomos apeados do poder, o João Goulart era o nosso presidente. E foi feita uma passeata aqui e se espalhou coisas horríveis, dizendo que a esquerda de Caxias, que o partido Comunista tinha uma lista que ia matar uma porção de empresários, o que é uma mentira! Veja você, uma pessoa como o Percy Vargas de Abreu e Lima e outros seriam capaz de matar alguém! Eram pessoas que nunca fizeram mal a ninguém, mas se incomodaram muito com isso, né? E houve aquelas passeatas em favor da, do Golpe Militar de [19]64, sendo que o Jango estava tornando o país socialista ia levando o comunismo, pra anarquia pra república sindical, eram esses argumentos. E dizia que o Brasil estava à beira da falência, da bancarrota, à beira do abismo. Só que às vezes a gente fica pensando, sabe qual era a dívida externa do Brasil? Isso que tinham construído Brasília, tinham feito a estrada Belém–Brasília, tinham asfaltado quase todas as estradas do Brasil, sabe qual era a dívida quando o Jango passou o governo para Castelo Branco? A dívida externa do Brasil era de três bilhões e meio de dólares! Menor que a dívida da [Companhia Estadual de Energia Elétrica] CEEE talvez hoje, não sei quanto é a dívida da CEEE. E disseram que o Brasil estava à beira da falência. Hoje, a dívida do Brasil nem se sabe, deve estar superior a cem bilhões. E se acusou, Jango foi derrubado mais pelos seus acertos do que pelos seus erros. Ele mexeu em interesses econômicos e essas pessoas se uniram contra ele, porque realmente o governo do Jango, o Jango era um cidadão que ninguém provou absolutamente nada contra ele. Veja que o movimento de [19]64, houve inquéritos de tudo que é tipo e não se provou uma desonestidade do Presidente João Goulart, nem do Brizola.

Sônia: E o senhor diria, por exemplo, que essas forças que derrubaram o Jango, seriam mais ou menos o mesmo tipo de forças que levaram o Getúlio ao suicídio?

Mansueto: Exatamente. O suicídio, o Getúlio era um homem extraordinário, e ele se suicidou, com a sua morte, ele atrasou em dez anos o golpe de [19]64, que era pra sair lá. Não queiram que o Getúlio governasse, não queriam que ele tomasse posse. Depois não queriam que o Juscelino tomasse posse. E pode haver governos melhores no Brasil do que os governos de Getúlio e Juscelino? Getúlio que transformou esse país, deu início à industrialização do país, criou essa legislação trabalhista brasileira, que é uma das mais avançadas do mundo, obra do trabalhismo, foi obra do Getúlio. E o Juscelino Kubitschek foi um grande administrador, que em cinco anos transformou o Brasil, com uma inflação de trinta por cento ao ano. Mas o Brasil cresceu, se desenvolveu, o Brasil teve sua indústria automobilística, enfim, construiu uma capital tudo e a inflação era de trinta por cento. Oxalá! Hoje, se quer que ela volta com toda as providências, recessão tudo, vamos chegar ao mesmo trinta por cento.

Sônia: Mansueto, e se a gente voltasse atrás na história de Caxias, na história política de Caxias, o que o senhor teria a dizer, o que o seu pai comentava, ou que o senhor leu? Por exemplo, a respeito do integralismo, a respeito do Partido Republicano aqui, ou da atuação até do Dante Marcucci ou daqueles prefeitos desta época?

Mansueto: Bom, né, claro eu não tenho assim, eu nasci em [19]39, não acompanhei, só ouvi dizer, li alguma coisa sobre Caxias. Evidentemente, nós tivemos, dizem que o movimento integralista aqui era muito forte, inclusive aqui havia as camisas verdes, que faziam passeatas e a maioria de muita gente conhecida hoje fez parte do movimento integralista. Mas, ele com o tempo ele foi morrendo. E depois quando o Getúlio acabou com o integralismo, com comunismo, etc. aqui se criou com redemocratização o PRP, que mais ou menos reunia as pessoas que eram simpatizantes do Plínio Salgado, que fundou o PRP que era integralista. Mas não se tem maiores informações sobre eles, não eram traidores da Pátria como se diz, aqui era mais um... todo mundo brincava, antes da guerra, segundo informações, isso eu não posso falar porque não vivi essa época, mas diz que na guerra haviam os que torciam pela Itália, os que torciam pela Alemanha, os que torciam pelos aliados. Mas, eu acho que no momento que o Brasil entrou na guerra, acho que isso tudo desapareceu, houve aquele problema de prisões e tal, mas eu acho que todos eram acima de tudo, brasileiros.

Sônia: Em relação ao passado, qual é o melhor prefeito que o senhor, não o melhor, o que o senhor tem mais admiração?

Mansueto: Eu acho que o Dante Marcucci. Bom, vamos começar com o Celeste Gobbato. O Celeste Gobato em 1928, construiu o primeiro sistema de abastecimento de água de Caxias, fazendo

um empréstimo com a Alemanha que até recentemente se estava pagando este empréstimo, que era uma coisa ridícula em termos financeiros, porque não havia correção monetária, não havia nada disso. Ele construiu o sistema, colocou água em Caxias em 1928, quando a cidade não tinha água e teve que convencer a cidade. E outra coisa, ele levantou a ideia de se plantar uvas viníferas, que só se plantava uva *Isabel*. Quer dizer, ele foi um homem que teve uma visão muito grande, ele criou um sistema de abastecimento de água que funcionou, o sistema Dal Bó, as represas São Pedro, São Paulo e São Miguel, que ainda hoje abastecem dez por cento de Caxias, elas foram iniciadas pelo Celeste Gobatto. E até a Maestra, em 1971, e até o Faxinal mais recentemente, o sistema Dal Bó é que abasteceu Caxias. Se Caxias fosse uma cidade de trinta mil habitantes, o Dal Bó abasteceria Caxias normalmente, né? Isso foi feito numa época que a cidade tinha seis, sete mil habitantes. O município tinha mais, mas a cidade, em 1940, Caxias tinha dezessete mil habitantes. Depois nós tivemos o Dante Marcucci, que também foi um grande prefeito, além de suas obras, ele também fez uma política de relações públicas extraordinárias, tornou Caxias conhecida no Brasil todo, conseguiu desviar a BR 116, que não deveria tecnicamente passar em Caxias, passou aqui, uma verdadeira montanha russa. E isso foi um fator decisivo para o progresso da cidade. É isso que eu poderia dar, dessas figuras e destacar, especialmente Celeste Gobatto e Dante Marcucci.

Sônia: O senhor foi prefeito, de que maneira o Celeste Gobbato e Dante Marcucci influenciaram a sua opção pela prefeitura ou a sua formação como político?

Mansueto: Eu estudei eles, evidentemente. Eu tinha o desejo de ser prefeito de Caxias desde menino. Aconteceu isso em 1955, eu tinha dezesseis anos, meu pai foi candidato a prefeito, numa eleição em que se uniram várias forças contra ele e ele perdeu a eleição e eu disse naquela ocasião que eu ainda ia ser prefeito de Caxias. E realmente, alguns anos depois consegui ser prefeito uma vez, depois repeti ser prefeito duas vezes desta cidade, o que me deixou emocionado, pelo fato durante dez anos ser prefeito desta cidade, seis anos a primeira e quatro na segunda. Além de, como vice-prefeito, ter assumido diversas vezes, entre [19]69 e [19]72, quando eu era vice-prefeito na primeira administração do Vitório [Trez].

Sônia: Mais umas coisinhas assim. Enquanto vereador ou enquanto o senhor participava, ouvia comícios, ou o seu pai também teve atuação, uma vida política, que fatos o senhor lembra? Que incidentes que marcaram ou que fatos pitorescos destes comícios, desses?...

Mansueto: Bom, fatos eu lembro mais do meu tempo. Eu lembro que na campanha, que eu era candidato a vice-prefeito, o MDB então, depois da revolução criaram-se o MDB e a ARENA, eram os dois únicos partidos, então todos nós da oposição entramos no MDB. E na primeira eleição MDB e a ARENA, que foi em 1968... é, isso 1968, nós tínhamos como candidatos a prefeito de Caxias,

o Artemin Karam e o Vitório Trez e eu era vice dos dois. Tínhamos na ARENA dois candidatos também, que era Idorli Zatti que tinha como vice o João Luís Cipolla e o Mário Lunardi, que era meu colega, vereador em Caxias, que tinha como vice o Aurélio Bar, que também era vereador comigo na Câmara de Vereadores, então foi uma eleição bonita. O fato pitoresco que eu destaco mais a título de piada, mas que é real, ocorreu num comício que nós estávamos fazendo na sede Caxias Futebol Clube, não é o Caxias, o Ser Caxias, é o Caxias Futebol Clube futebol, futebol varzeano que era ali na subida quem vai pro Jardim América, na zona da Antena por ali. E havia morrido nesta época, no Rio de Janeiro, o Dr. Pedro Tales Gonzáles, que era genro do Karam que foi deputado, foi delegado de polícia e era genro do Karam. Então, o capitão Karam não pôde ir no comício, porque teve que ir ao Rio assistir ao enterro do seu genro. E pediu ao vereador Dionísio Santi que o representasse no comício e aí o vereador Dionísio Sandi fez um discurso “Deveria estar aqui conosco, neste dia, neste comício memorável, o nosso querido candidato Capitão Karam, entretanto ele não está aqui porque o nosso, também companheiro Pedro Talles Gonzáles, genro do Karam, morreu no Rio de Janeiro -pensou um pouquinho- de improviso”... Então, ali foi um fato interessante e é verídico, isso aconteceu realmente naquele comício, foi aquela risada geral num assunto tão trágico. Ele quis dizer que ele não sabia que tinha morrido de repente e ele usou o termo improviso.

Sônia: De improviso. De comícios, por exemplo, o Brizola na cidade e outros políticos importantes?

Mansueto: Olha, não, eu não me lembro, só assisti assim pelo rádio. Eu lembro do comício de Getúlio Vargas, eu era menino, ali na Praça [Dante Alighieri], que todo mundo queria tocar... tocar no Presidente Vargas. E lembro também do comício do Jânio Quadros. Ele fez o comício ali na Praça, onde era o calçadão hoje, armaram o coreto, e a sede do PTB, era onde eu falei a pouco, defronte. Nós todos lá, claro, na sede do PTB tinha a propaganda do [Henrique Teixeira] Lott, então nós estávamos todos ali assistindo comício, e o Jânio Quadros iniciou o seu discurso, olhou para cima, então nós gelamos, agora vem alguma coisa pra nós. Ele disse “Que minhas primeiras palavras sejam de saudação aos dignos adversários”. Então nós tivemos que bater palmas pro Jânio...

Sônia: E quando Getúlio se matou, o senhor tinha?...

Mansueto: Quinze anos.

Sônia: Quinze anos.

Mansueto: Foi quando eu fundei, logo depois, nós fundamos o jornal “O Estudante”. E a primeira reportagem que O Estudante, que saiu logo depois da morte do Getúlio, foi a biografia do Getúlio Vargas que nós colocamos no Estudante, deve estar lá no museu [AHMJSA] esse jornal, eu doeie uma coleção. Então, eu era diretor do jornal, eu tinha quinze anos, era o diretor do jornal e o gerente era o Antônio Finco, hoje deve trabalhar em Brasília, funcionário do Banco do Brasil. Então, nós fizemos aquele jornal e homenageamos o Getúlio na primeira edição. Isso eu lembro muito bem, a morte do Getúlio se acompanhou, foi uma tragédia, né, a morte do Presidente Vargas, houve uma comoção nacional.

Sônia: A cidade, como é que reagiu?

Mansueto: Reagiu com, o Getúlio era muito querido em Caxias, porque inclusive no.. o Getúlio gostava muito de Caxias, tinha estado aqui pouco antes da inauguração, na Festa da Uva, quando inaugurou do Monumento ao Imigrante, realmente esteve aqui. Ele era uma figura extraordinária, o Getúlio tinha um carisma fantástico, então a cidade ficou realmente comovida com a morte do Getúlio.

Sônia: Fala um pouquinho mais desse jornal?

Mansueto: Bom, O Estudante era um jornal que nós fizemos, um jornal independente, que circulava nas escolas de Caxias que falava de assuntos estudantis e assuntos gerais. Depois mais adiante, a gente resolveu mudar o nome do jornal, porque ele não era um jornal só estudantil, então se mudou para Jornal da Mocidade. O Jornal da Mocidade fez uma campanha em 1957 e [19]58 em favor da criação da Universidade de Caxias. Caxias não tinha nenhuma escola de nível superior, nenhuma escola, e nós fizemos a campanha. Caxias precisa de faculdades porque aqui o pessoal tinha que estudar em Porto Alegre. Antigamente nem o científico tinha, o primeiro científico, segundo grau hoje, foi o [Colégio Nossa Senhora] Carmo que criou, depois veio o Cristóvão que na época era escola normal. Então, se fez essa campanha pela criação da universidade, nem se falava em universidade, em faculdade. E a primeira faculdade que surgiu foi a Faculdade de Economia, por iniciativa do Dom Benedito Zorzi, que era bispo, depois o Dr. Virvi [Ramos] criou a Faculdade de Direito, depois veio a Faculdade de Filosofia, o município já tinha a Escola Municipal de Belas Artes, que foi incorporada a universidade e começou a nossa universidade, que foi instalada em 1967, em março de [19]67. Eu me lembro desse fato com muito, com muitos detalhes, porque eu sou da turma da Faculdade de Direito de 1966, e nós tivemos que atrasar a formatura para março de [19]67 para recebermos o diploma como sendo o diploma a universidade, não só da Faculdade de Direito na época.

Sônia: Durante a Revolução de [19]64, como ela atingiu a universidade, como atingiu os grêmios estudantis, a UCE [União Caxiense de Estudantes]?

Mansueto: Bom, nós tínhamos universidade na época, nós tínhamos faculdades.

Sônia: Isso as faculdades.

Mansueto: Faculdade ... Na nossa universidade, na nossa Faculdade de Direito, acho que nenhum foi preso, que eu me lembro pelo menos, meus professores que eu recordo com grande carinho, posso citar alguns: o Dr. Renan, que esteve aqui recentemente, tínhamos o Daiélo, que hoje é desembargador, tínhamos a falecido Dr. Rapone, um grande civilista, tínhamos o Dr. Angelito Aikel que dava Direito Constitucional, Direito Internacional, que era uma figura extraordinária, enfim, a Faculdade de Direito de Caxias tinha excelentes professores.

Sônia: E eles se manifestavam a respeito da revolução?

Mansueto: Sim, faziam manifestações, mas era, era, no início da revolução até que admitia alguma oposição, o AI-5 é que tornou as coisas mais difíceis, depois do AI-5 ninguém tinha, quem falasse demais ia preso, né? Eu lembro que fiz uma, não é uma autocensura no tempo... Depois, em [19]58, ante da revolução, nós criamos, eu fundei aquele jornalzinho Caxias Magazzine, esse sim enfrentou a Revolução mesmo. Eu lembro que nós tínhamos uma coluna política na última página, casualmente era eu que fazia a coluna política, e como nós não tínhamos o que falar, nós começamos a falar em flores, em aves, em árvores, então dava entender que estava sendo censurado o jornal, mas eu nunca senti censura no Caxias Magazzine, nunca fui chamado ao quartel pra... Eu lembro uma vez que, com muita inteligência, aliás, a única vez foi, hoje general, na época coronel Décio Barbosa Machado, ele convocou a imprensa de Caxias para ir ao quartel. Convidou, nem convocou, convidou. Aí tinha um coquetel com docinhos, refrigerantes, cerveja, enfim, o que quisesse. A turma estranhou, aí ele começou a falar, daí a pouco, ele era um diplomata, aí a pouco ele disse assim “Me traz aquela ordem que veio de Brasília”. Aí ele leu a ordem que proibia que se falasse do centenário de Lenin. Então, em vez de simplesmente mandar uma circular proibindo, ele fez um coquetel. Foi uma atitude inteligente, ele recebeu uma ordem de Brasília e cumpriu dessa forma, aliás, ele foi um coronel que pacificou Caxias, porque, antes dele, haviam algumas divergências que ocorriam com, não digo com prisão, mas algumas ameaças de prisão, era mais violenta a atuação do exército e, com ele, ele acalmou a cidade, não criou problema nenhum, Coronel Décio, Décio Barbosa Machado, hoje general e me parece que já na reserva.

Sônia: Com relação às visitas de políticos, o senhor lembra de alguma em especial ou de alguma pitoresca?

Mansueto: Bom, eu acompanhava poucas visitas. Eu lembro, quando prefeito, por exemplo, eu recebi aqui, como prefeito o General [Ernesto] Geisel, que era líder da Revolução e era o prefeito de oposição. Mas antes disso, quando nós fomos convidar o General Geisel, Presidente da República para vir à Festa da Uva, estava eu... o Flávio Ioppi, que era presidente da Festa da Uva, o Mário Ramos que era Secretário de Turismo do Estado, o Colassano, que era da [Instituto Brasileiro de Turismo] EMBRATUR, fomos a Brasília, nos recebeu, sentamos na mesa do Presidente e entregamos pra ele o convite, que era feito pelo Frezza. No sei se vocês se recordam, ele fazia um couro, então ele achou muito bonito. E o Geisel era uma figura assim que não ria, né, era impressionante, homem sério, bravo sempre. E nós todos assim, e começou fazer perguntas sobre Caxias, criticou a EMBRATUR na frente do presidente da EMBRATUR, e nós ficamos numa situação, falou sobre o problema do Eberle, que na época estava em crise, ele queria saber como é que estava que era uma barbaridade. E não ria. Aí nós entregamos o convite e o Geisel disse “Que bonito convite”. Mas diz ele assim “Mas não adianta né, o prefeito, o maior produtor de uvas do Brasil não é Caxias é a minha terra natal, Bento Gonçalves”. E eu brincando disse “Presidente, para nossa honra, porque, afinal de contas, Bento Gonçalves faz parte da grande Caxias”. Aí o presidente riu. [risos].

Sônia: E como prefeito de oposição, teve, havia, ah, não chegava verbas, que dificuldade que tinha?

Mansueto: Pelo contrário, se eu disser que não chegava verbas, eu estou sendo injusto. Caxias nunca recebeu tantos recursos federais, como na primeira vez em que eu estive na prefeitura de Caxias e eu era de oposição. E eu quero dizer pra você inclusive o seguinte, o [João] Figueiredo esteve aqui, o Presidente Figueiredo, e eu o recebi bem porque, afinal de contas, ele era Presidente da República e não era do meu partido. E nós brincamos muito. O Figueiredo era um homem muito aberto ao diálogo e, então, ele dizia “Eu preciso da oposição porque eu quero redemocratizar o país”. Como terminou redemocratizando mesmo, tem que se fazer justiça a ele. Eu lembro que, quando ele chegou, ele foi num carro e, na época, ia um carro na frente com o presidente, o presidente da república e o governador; o prefeito os ministros e etc. iam num ônibus atrás. E nós chegamos aqui na Praça pra assistir o desfile de carros alegóricos e vínhamos lá da Festa da Uva, onde ele inaugurou a exposição, e o Figueiredo brincou comigo “Bah, prefeito, me vaiaram aí numa esquina, que barbaridade!” Eu disse “Não era o pessoal do PDT presidente, vai que era um PMDB que lhe vaiou, mas a maioria da população está lhe aplaudindo”. Aí ele achou graça, chamou o [Nelson] Marchezan que estava junto pra brincar. Esses são fatos que me marcaram muito, e abriu várias portas, porque todos esses sistemas de sinaleiras automáticas que tem em Caxias, foi verba que recebi do Presidente Figueiredo. A duplicação da BR-116 no perímetro urbano de Caxias, foi o

Ministro [Mário] Andreazza que conseguiu, naquela época, vieram recursos para escolas, eu me lembro, vieram alguns recursos e depois pararam, no último governo não recebi nada do governo federal.

Sônia: Seu Mansueto, como ser humano ou como político, que sonho o senhor tem pra Caxias?

Mansueto: Eu acho que Caxias tem um futuro... grandioso. Ela está crescendo, ela tem que se humanizar um pouco mais, mas é uma cidade que hoje, já é bem melhor do que era, em alguns aspectos no crescimento, etc. E em outros não, porque Caxias era uma cidade mais tranquila, mais segura, alguns anos atrás você podia deixar a porta da casa aberta de noite. Eu lembro, quando eu era menino, eu tinha os meus tios todos, e o último que chegava em casa é que fechava a porta a chave. A porta ficava aberta, o último é que fechava a porta a chave. Hoje não pode ocorrer isso. Mas eu acho que Caxias tem futuro, ela.... eu lembro que, como a cidade se desenvolveu com sacrifício dos que a afundaram, dos primeiros imigrantes, daqueles que vieram pra cá depois. Porque Caxias não é produto apenas dos imigrantes italianos, veio pra cá luso-brasileiros, que se incorporaram a nossa força de trabalho, vieram pra cá gente de todas as raças que ajudaram a construir essa cidade. E, realmente, ela cresceu e se tornou esse metrópole de hoje, mas como havia preocupação com o trabalho, a parte cultural de Caxias, no início, não existia, não havia um grande movimento cultural. Ele passou a surgir através da Aliança Francesa, que criou um grupo de teatro e que promovia exposições, etc. que foi o início. E depois, faltava um local para as atividades artísticas. Eu me lembro que, como vereador, eu defendia, através de pronunciamento, eu era vereador, defendia a necessidade de Caxias ter uma casa da cultura, um teatro municipal, briguei por ele como vereador e depois, como vice-prefeito, tentei convencer o Vitório a fazer, chegamos fazer um projeto, mas na época os recursos eram poucos, não deu. Aí, quando assumi a prefeitura, se eu não fizer agora, eu fico desmoralizado, porque lutei toda a vida. E o que me comoveu na inauguração da Casa da Cultura, foi o Darwin Gazzana. O Darwin Gazzana veio me cumprimentar, eu mandei o convite para ele assistir a inauguração, aí ele chegou e disse “Hoje eu posso morrer tranquilo porque Caxias já tem um teatro”. E me abraçou e chorou. Isso me comoveu, valeu... tudo que a gente fez em favor daquela Casa da Cultura, que está lá, ela foi criticada que até dizendo que era muito pequeno o teatro, quando que no Brasil não se tem teatro com mais de trezentos lugares, o nosso até é grande demais. Mas em Caxias há uma resistência contra tudo que se procura fazer de novo, há uma resistência muito grande. E depois, quando você faz, “Não, podia ter feito maior”. Essa é a verdade.

Sônia: Por que essa resistência? Pelo trabalho?...

Mansueto: Bom, aqui também dizem que, o trabalho, a inveja que existe também... Tem aquela história que contam da pessoa que encontrou no porão da casa uma lâmpada, e foi mexer na lâmpada, apareceu o gênio da lâmpada, né? E o gênio disse pra ele “Você tem o direito a fazer três pedidos, só que tudo que você ganhar, o seu vizinho ganhará em dobro”. Ele disse “Mas fui eu que achei a lâmpada, porque ele vai ganhar em dobro? Mas que se vai fazer”. “O que que você queria?” “Eu sempre sonhei em viver de renda, então queria ter um edifício de dez andares”. Apareceu o edifício de dez andares, ele olhou pro vizinho que ganhou um de vinte. Aí segundo pedido “Pô vou pedir alguma coisa que não pode ter melhor. O melhor automóvel do mundo”. Apareceu o maior, o melhor automóvel do mundo. Ele olhou pro vizinho: dois. Terceiro pedido: ele olhou pro vizinho, o vizinho aguardando, né? Diz ele assim “Eu gostaria, gênio, que o senhor me vazasse um olho”. Aí o vizinho ficava cego, então a inveja é característica principalmente na política, isso existe. Dizem que no futebol também, eu não sei, porque no futebol eu só torço, né. E de longe, não tenho ido muito aos estádios de futebol. Mas dizem que na política e no futebol tem muita inveja, eu não sei se no futebol, mas na política é.

Sônia: Só para finalizar, duas questões. Uma, em vez dos três pedidos, que três desejos o senhor teria para a cidade?

Mansueto: Que ela se humanizasse mais, que houvesse maior fraternidade entre todos os caxienses, que acabassem com essas divergências que nada constroem.

Sônia: E a outra coisa, como o senhor sai da vida política, não é sair da vida política, o que o senhor traz da política, que experiências ficaram?

Mansueto: A foram muitas experiências, né, durante todos esses anos de atividade política.

Sônia: O que ficou?

Mansueto: São quase trinta anos ou mais de trinta anos, teria que calcular o tempo, né? Evidente que aprendi muito, e aprendi também, a gente tem decepções com alguns que a gente pensou que eram amigos e umas e outras surpresas agradáveis, de pessoas que foram seus adversários e reconheceram seu trabalho. Então a política tem disso.

Sônia: Mansueto, fica livre pode falar o que quiser.

Mansueto: O que que eu vou falar? Não, eu quero agradecer essa oportunidade de prestar esse depoimento aqui neste trabalho 120 Anos da Imigração Italiana, e dizer que Caxias foi uma cidade fundada pelos italianos, mas que teve aqui a presença de elementos de todas as raças que vieram se somar e construíram essa cidade. Então, Caxias hoje, se nós tomarmos por base, eu digo que um dos grandes orgulhos que eu tinha sobre essa cidade, eu lembro que uma vez veio visitar Caxias o

embaixador, o embaixador não, o Cônsul dos Estados Unidos em Porto Alegre. E o cônsul, o americano sempre meio metido a grande, os outros são todos pequenos. “Como é que está o seu município”? Eu me lembro que recém eu tinha recebido os últimos relatórios depois daquela campanha que fizemos de vacinação e também de instalação de unidades sanitárias, do posto vinte quatro horas, etc. Baixou o nível... de mortalidade, parece que agora subiu de novo, mas naquela época tinha baixado o nível de mortalidade infantil de Caxias, cujo índice era menor que nos Estados Unidos. Então, uma das grandes satisfações que eu tive foi dizer pro Cônsul dos Estados Unidos “O nosso nível de mortalidade infantil é menor que o dos Estados Unidos da América do Norte. Então foi uma coisa bonita! E, ainda, para castigá-los mais, disse “Só ainda não ganhamos de Cuba!” Porque Cuba tinha um nível superior aos Estados Unidos.

Sônia: Muito obrigado, Mansueto.

Mansueto: Não tem problema.

Transcrição em: 26 a 28 de março de [1996].

Por: Maria Beatris Gil da Silva

Revisão em: 16 de fevereiro de 2011 e 13 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 47 minutos.

Observação: